

HISTÓRIAS DE VIDA E UM GRUPO DE PESQUISA: RESSIGNIFICANDO PROCESSOS FORMATIVOS DOCENTES

LIFE HISTORY AND A RESEARCH GROUP: REFRAMING PROCESS OF TEACHERS FORMATION

Valeska Fortes de Oliveira¹
guiza@terra.com.br

ISSN 1982-8632



Revista
@mbienteeducação.
6(1): 73-83, jan/jun,
2013

RESUMO

Este texto objetiva apresentar uma pequena e significativa parte da história de vida e trabalho do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina dispositivo de formação de professores”, realizado entre 2007 e 2012, cujo objetivo principal foi investigar se um espaço grupal pode ser pensado como dispositivo na formação de professores. Em tempos de complexidade e de relações efêmeras e líquidas, falar de relações e aprendizagens coletivas parece soar um tanto fora da atualidade dos projetos pessoais e profissionais. Em tempos de individualismo e competitividade, postos nas concepções creditadas nos ambientes institucionais, movimentamos o debate e o foco nas experiências vividas por pessoas que criaram o grupo, espaço potencial para encontro e desencontro de energias que aumentaram, quando seus corpos biográficos se colocaram, em diferentes momentos e tempos, em contato.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores • Constituição de Grupos de Estudos

73

ABSTRACT

This text aims to show a small but significant part of the life history and work of the *GEPEIS* (Group of Study and Research in Education and Social Imaginary) part of the Education Center at the Federal University of Santa Maria (*UFSM/RS, Brasil*), coming from the research “The group as a device of teachers formation” carried out between 2007 and 2012, having as its main goal to figure out whether a devoted group space can be meant as a device in the process of teachers formation. In times of both complexities as well as liquid and ephemeral relationships, talk about collective learning and relationships seems to be old fashion as far as the current personal and professional projects are concerned. In times of individualism and competition, put in the conception titled in the institutional environment, we pushed the debate and focus on the experiences lived by the people who have created the group, potential room to the energy match and mismatch that raised when their biographic bodies were put in contact in different moments and times.

KEY WORDS: Teachers’ formation • Groups of study constitution

Histórias de vida e
um grupo de pesquisa:
ressignificando
processos formativos
docentes

Oliveira VF

¹ Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Professora e Pesquisadora da Linha de Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do PPGE, Membro do Comitê Científico da ANPED. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS – UFSC. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória - GEPIEM - UFPEL.



PRIMEIRAS PALAVRAS, EM TEMPOS DE VIDA LÍQUIDA, A POTÊNCIA DO GRUPO.

Em tempos de complexidade (MORIN, 1991) e de relações efêmeras e líquidas (BAUMAN, 2001), falar de relações e aprendizagens coletivas parece soar um tanto fora da atualidade dos projetos pessoais e profissionais?. Em tempos de individualismo e competitividade, postos nas concepções creditadas nos ambientes institucionais, movimentamos o debate e o foco nas experiências vividas por pessoas que criaram o grupo, espaço potencial para encontro e desencontro de energias que aumentaram potências, quando seus corpos biográficos se colocaram, em diferentes momentos e tempos, em contato.

O grupo estudado completa neste ano de 2013 vinte anos de história. História de vida, de formação, de aprendizagens compartilhadas, de desafios, de reflexões instituintes na área da educação, estando o GEPEIS vinculado à Linha de Pesquisa de Formação de Professores, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Maria.

Já foram produzidas diversas dissertações e teses sobre a formação docente, referenciadas pelo campo teórico do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis. Em nossos projetos de pesquisa e extensão, contamos com parcerias de muitas instituições de ensino superior e escolas das redes municipais e estaduais de ensino de Santa Maria.

As temáticas trabalhadas no GEPEIS envolvem, principalmente, saberes docentes, relações étnicas, de classe e de gênero, dispositivo grupal, corpo biográfico, histórias de vida, educação ético-estética, cinema, entre outras.

A partir dos trabalhos realizados pelos participantes do grupo, percebe-

mos uma constante relação entre as narrativas de vida dos participantes, quando falavam de suas trajetórias formativas nas escritas de seus trabalhos, em suas vivências como participantes do grupo e as significações produzidas. Por conta disso, pensamos a elaboração deste texto para contar um pouco da história de vida do grupo, sendo narrada por quem dele participou, se produzindo como pessoa e profissional. Assumimos, nesta perspectiva, o pressuposto da implicação, compartilhando com Barbier (1985), que a define como

[...] o engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua práxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passada e atual, nas relações de produção e de classe, e de seu projeto sócio-político em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda a atividade de conhecimento (BARBIER, 1985, p. 120).

Essa implicação nas ciências humanas não separa o sujeito do seu objeto investigado e, no nosso caso, outros sujeitos, implicando-os no próprio processo de pesquisa e de formação. Esse engajamento pessoal e coletivo tem caracterizado o trajeto de vida do GEPEIS.

ACOMPANHANDO A PESQUISA...

Para contar como o projeto foi desenvolvido, é necessário conhecer o processo de pesquisa que buscou saber algumas significações dos processos formativos dos participantes que fizeram parte da história de vida do grupo, durante o período de 2007 a 2012.

A abordagem metodológica aconteceu em duas dimensões, uma bibliográfica e outra empírica. Salienta-se que a opção por trabalhar com esses enfoques metodológicos vem ao encontro de nossos objetivos, pois entendemos que ambos, a todo o momento, mesclam-se e complementam-se.



Como aporte teórico, realizamos estudos sobre grupos nas perspectivas de Pichon-Rivière (2005), de Souto (2003) e Castilho (2004); quanto ao imaginário e suas representações utilizamos Castoriadis (1982), Ferreira e Eizirik (1994); formação de professores, memória e trajetória a partir de Ferry (2004), Cunha (2006) e Oliveira (2006); (auto)biografia e história de vida com Delory-Momberger (2008), Josso (2010) entre outros autores que subsidiaram (e subsidiam) as demais pesquisas do grupo.

A parte empírica da pesquisa buscou, através das narrativas das trajetórias de formação, conhecer as aprendizagens, as significações imaginárias e a possibilidade de ver o grupo como um dispositivo de formação nas narrativas pessoais e profissionais na vida dos participantes, as quais formam a história de vida do grupo, ao mesmo tempo que o grupo faz parte das histórias de vida dos integrantes.

Buscando aperfeiçoar e dar consistência ao projeto, encontramos nas narrativas um viabilizador, um potente dispositivo pelo qual conseguimos abarcar uma totalidade de expressões e significações dos participantes que em outros métodos de pesquisa talvez não fosse possível.

Falamos em dispositivo através da perspectiva de Souto (2003, p. 5-6):

Hablar de dispositivo implica ubicarnos en el plano de la acción en un campo del quehacer humano, en el que un artificio se inventa, mezcla de arte y técnica, de oficio y profesión, de habilidad, destreza, conocimiento, maestría para ser puesto en práctica. Implica también tener en cuenta que todo dispositivo dispone, resuelve, decide, es decir ejerce en este sentido un poder; pero a la vez pone en disposición, crea una situación, prepara, anticipa, propone, genera una aptitud para algún fin, pone en juego potencialidad y posibilidad a futuro.

Assim, justificamos o uso dessa

metodologia, pois, como aponta Cunha (1997), as narrativas “têm sido a principal alternativa metodológica para a concretização dos pressupostos teóricos de um processo de ensino-aprendizagem que tenha o sujeito e a cultura como ponto básico de referência”. Além disso, as narrativas “provocam mudanças”, pois de acordo com Cunha (1997), elas são construídas e reconstruídas nos momentos vivenciados, onde são atribuídos novos significados ao vivido e experimentado.

Dessa forma, foi possível construir os dados através das narrativas orais e escritas em diferentes momentos, e utilizando distintos dispositivos para mobilizar a participação e provocar/implicar os sujeitos, possibilitando o resgate da memória do grupo e dos momentos mais significativos dos participantes no GEPEIS. Para Oliveira (2006, p. 174)

Nesta direção buscamos o trabalho com a memória docente por meio das narrativas orais, escritas, acionadas com outros recursos, como as fotografias. Reconstruindo imagens vividas em outros tempos e espaços, e a possibilidade do trabalho reflexivo sobre tais representações, que possibilitam a reinvenção de um ethos individual e de um ethos coletivo.

Para tanto, percebemos que em vinte anos colecionamos muitas histórias que precisariam ser contadas, não só com o objetivo de recobrar os enredos, mas para que seus participantes as repensassem, ressignificando os momentos vividos, olhando sempre e mais para os signos de suas histórias.

É consenso que, para além da sala de aula, os grupos de pesquisas são meios pelos quais a universidade possibilita acionar novas experiências no meio acadêmico. Aprende-se no coletivo, ouve-se o outro, fala-se das próprias experiências, angústias e saberes, compreende-se os desafios característicos das escolhas profissionais na troca constante entre os colegas



que compartilham do mesmo espaço formativo como grupo e como coletivo. Josso (2010, p 47) ressalta a importância de relatar essas experiências:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, ao valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático.

Assim sendo, em nossa pesquisa buscamos fazer com que os participantes revelassem, provocados por algum dispositivo, o que a entrada e a participação no GEPEIS significava nas suas trajetórias como professores-aprendizes, suas aprendizagens, as motivações produzidas pelos estudos, debates.

Depois de termos os dados em mãos, percebemos que a análise teria de ser feita com cuidado, pois, com a abrangência e diversidade das narrativas, tínhamos o desafio de manter o foco naquilo que era nosso objetivo, ou seja, buscar nas falas e memórias as significações dos participantes que compunham o GEPEIS, recontando sua história de vida.

Para alcançar os objetivos propostos, recorreremos a alguns dispositivos, que podem ser entendidos como uma “ferramenta”, algo que cria as condições para abordar as temáticas. Utilizamos fotos, vivências, imagens, enfim, tudo que pudesse contribuir para os participantes pensarem suas formações no grupo. Para Ferry (2004, p. 18) “lo que más se evidencia em las experiencias de formación de adultos es que ningún programa de formación puede ser válidamente elaborado <a priori>, sin la activa participación de sus destinatarios”.

O GRUPO COMO LUGAR DE FORMAÇÃO

A formação de adultos requer olhar para si e para o outro, permitindo ao sujeito o compartilhar de expe-

riências socioculturais e individuais, revisitando os repertórios da memória.

O participante que consegue falar de seu próprio processo de formação dialoga com a teoria e com o fazer docente, com a realidade vivida que está em constante devir. A recuperação da memória é a representação que o sujeito faz de si e do mundo, a partir da fala e da escrita reflexivas, que norteia seus saberes para novas maneiras de ser na docência, como pessoa e profissional.

O relato de vida traz em seu bojo lembranças, sensações, transbordando o sensível da vida; a história de vida colabora para a formação educacional e para a construção do conhecimento científico. O professor é sujeito sócio cultural, um ser social que vive o cotidiano da profissão estudado e refletido no contexto da educação, da profissão, da sociedade atual, das mudanças nos modos de ser e pensar.

Pensando com Josso (2010), formar-se é a integração do saber-fazer e dos conhecimentos, são experiências transformadoras da subjetividade, que culminam na construção de um ser sensível, que reflete sobre o seu processo formativo e cria novos trajetos para a mesma existência. A formação através das histórias de vida produz encontros e desencontros com as escolhas que cada pessoa fez, tomando contato com seu repertório ao organizá-lo e ao contar para um outro que escuta, produzindo desassossego, muitas vezes, mas autoconhecimento.

Entendemos que as aprendizagens acontecem não só dentro da academia, mas por outros espaços e pelos mais variados meios; desse modo, voltamos nossas experimentações para os sentidos e significados das marcas impressas no corpo. Implicamo-nos com possibilidades de um processo formativo na educação pelo viés do corpo como expressão de significações imaginárias, lugar de memórias e sensibili-

dades.

No GEPEIS, os participantes têm oportunidade de experimentar diferentes maneiras de pensar a formação, sempre no sentido mais amplo possível, como acontece na perspectiva da integração corpo e mente.

Pensar a formação grupal pela ótica do corpo e dos atravessamentos no percurso de vida é pensar nas significações do corpo biográfico, entendido por Josso (2012, p. 27) como “o acesso a esse corpo falante de minha história passada, presente e futura, através das sensações, das imagens, das visões animadas – espécies de sonhos acordados – das reminiscências, mas também das ideias e das escolhas [...]”, através das vivências, experiências, lembranças e memórias que estão impressas no corpo. Um corpo que tem memória que está associada às experiências mais significativas na vida de cada indivíduo, produzindo marcas, gerando mudanças por sensibilizar o estado afetivo e emocional de cada um.

Desse modo, os participantes atuais do Gepeis colocam-se receptivos e participativos às propostas lançadas para experimentações criativas, conhecendo suas potências mas, especialmente, a capacidade de aprender com outras pessoas e concepções. Não foi diferente quando o grupo se disponibilizou para participar de vivências corporais¹ – todos se jogaram no novo desafio. Inicialmente, as vivências, que aconteciam na primeira parte de cada reunião, eram como um momento de integração e descontração. Com o passar do tempo, os participantes foram tornando aqueles instantes uma preparação às discussões que brotariam das reuniões, realizando, assim, as atividades de maneira mais intensa e centrada. Na medida em que as vivências foram acontecendo, foi possível constatar o pressuposto de que o corpo tem memória, a qual está inscrita nele como marca do vivido e do experimentado.

Isso tudo se deu porque os laços afetivos dentro do grupo estavam (o que segue sendo) consolidados, o que gerou significativas reflexões acerca das vivências corporais, que trago, como breve exemplo, neste diálogo:

- A gente tem uma relação,[...] de confiança entre nós todos, diz A. - Só que tem uma coisa que eu penso, que isso aí não se dá do nada, eu acho que essa coisa da gente tá disposto a fazer começou no grupo, começou com aquele dia que C. propôs, diz B.

- É e a gente já se conhece, já tem convívio, já tem toda uma... alguma outra coisa além que já nos uniu, diz A.

Essa conversa revela os laços afetivos construídos dentro do GEPEIS, confirmando que o grupo não é somente executor de tarefas e, sim, um grupo de amizades, sentimentos e emoções.

Desse modo, acredita-se que todo o processo de vivências e experiências serviu, dentro do GEPEIS, além de ampliar as possibilidades criativas do corpo, também como um significativo caminho de autoconhecimento. Esse autoconhecimento está associado à ressignificação dos percursos vividos até então, tornando-os conscientes e capazes de orientar a novos motivos e caminhos.

Junto a esse conceito de autoconhecimento, destaca-se o cuidado de si definido por Foucault como “uma condição pedagógica, ética e ontológica para ser um ‘bom (responsável) ‘governador’”, e impede que a pessoa envolvida abuse de seu poder” (PETERS e BESLEY, 2008) p.58).

Essa questão faz suscitar a importância da reflexão de ter “conhecimento de si mesmo”, de olhar para si mesmo. Entretanto, é necessário enfatizar a importância desse processo quando falamos de conhecimento de si na formação docente. O pensamento de olhar e compreender a si mesmo é um desa-





fio para qualquer ser humano, entretanto, para o professor, essa tarefa torna-se mais complexa e extremamente necessária. O professor é mediador do desenvolvimento, do conhecimento, o elo de acesso às descobertas, por isso, é necessário seu maior desprendimento e empenho com o cuidado de si mesmo, mas o que constatamos é fragilidade na formação global desse profissional.

Isso tudo, na medida em que a vivência grupal colaborou e colabora na formação dos integrantes, despertando para questionamentos de como fazê-la da maneira mais enriquecedora, com o olhar atento à experiência corporal, possibilitando a construção de um corpo sensível e receptivo.

Acreditamos que as vivências foram dispositivos para que os integrantes do grupo estivessem em um processo de autoformação, pois temos como bases teóricas o conceito de formação defendido por Ferry (2004). Ele acredita que ninguém forma ninguém, tendo em vista que é o próprio sujeito que se forma, pois existem dispositivos utilizados para mobilizar, provocar essa formação; no entanto, isso não garante a formação. Assim, os “formadores” são apenas mediadores desse processo individual.

O grupo já é considerado um lugar de formação para os professores, mas trabalhar com a memória, buscando dar vida a história do grupo, possibilitou vários encontros, muitas lembranças ressurgiram e deram significado à trajetória que buscamos reconstruir e aos participantes que tornaram as vivências um espaço formativo também.

A HISTÓRIA DE VIDA DO GRUPO SENDO FEITA POR AQUELES QUE DELE PARTICIPAM...

Todas as definições traçadas pelos participantes nas vivências, experimentações, leituras e entrevistas deram sentido aos espaços/tempos que

tornaram possíveis as experiências de si, através das narrativas orais, escritas e também pela reconstrução de imagens passadas, vivas nas lembranças, ressignificadas na memória e nos imaginários de cada um dos que participam e constituem a história coletiva do grupo.

Nesse contexto, Teves (1992, p.26) diz que “qualquer realidade social constitui uma multiplicidade de sentidos”. Múltiplos foram os sentidos atribuídos pelos participantes, mas que formam coletivamente uma única representação do grupo como um lugar de formação.

As representações construídas através da experiência pelo que cada um viveu como e no grupo estão sendo restauradas, o que dá notoriedade aos valores pessoais e às mudanças e aos deslocamentos de sentidos em ações e comportamentos como indivíduo e como ser social participante de um grupo de estudos e pesquisas.

Os dispositivos criados para que fosse escrita a narrativa de uma experiência foram úteis e agradaram aos participantes, pois, ao mesmo tempo em que queríamos saber sobre a história do grupo, estávamos suscitando as histórias individuais dos participantes. Para os participantes, essas vivências foram avaliadas como positivas, por terem sido momentos de descontração, de firmar laços e de identificação de cada um no e com o grupo. Uma das participantes relatou após uma das experiências: “Como é bom poder fazer coisas assim, acho que o grupo precisa disso, de momentos que envolvam todo mundo, onde todos se disponham para serem vistos um pelos outros”.

Assim, ao longo desses vinte anos, em que vários participantes passaram pelo grupo, foram realizadas diversas pesquisas e projetos, mas também é importante um tempo para que os participantes pensem o espaço grupal e se

vejam nele.

Transpondo essas ideias para o Imaginário Social - o grupo não é um lugar estático. Apesar de muitas representações serem instituídas como a identidade do GEPEIS, as pessoas que vão se integrando, ao trazerem suas experiências, trazem novas ideias, mobilizam novos projetos. Isso configura uma nova fase no grupo, aspectos que representam o imaginário instituinte, criador de novas possibilidades. Segundo Castoriadis (1982, p.414):

O imaginário social ou a sociedade instituinte é na e pela posição-criação de significações imaginárias sociais e da instituição como “representificação” destas significações e destas significações como construídas.

Rememorar a história de vida do grupo, através da memória de quem por ele passou, contribui para a construção de imagens e experiências que dizem o que o grupo é e como ele é feito. Nessa reconstrução, podemos perceber que os sujeitos participantes constroem o grupo – identificações e organização grupal – e nele se constroem – formação e autoformação.

A partir do que cada um movimentava no trabalho biográfico sobre suas narrativas de vida, em um exercício de conhecimento de si, temos a compreensão de como cada sujeito se forma e se transforma nos seus trajetos de vida. O espaço grupal nos permite esse encontro com as questões da nossa formação-autoformação produzindo processos de reflexão sobre nós mesmos, como nos aponta Josso.

A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que nos dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas. Para isso, devemos ser capazes de imaginar e de acreditar na possibilidade de poder, de querer e ter, para desenvolver ou para adquirir, os saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-

-nomear, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar etc, que são necessários às mudanças, ao desconhecido que vem ao nosso encontro assim que abandonamos o programa familiar, social e cultural previsto para a nossa história (JOSSO, 2008, p.18).

Assim, a partir do grupal, das vivências oportunizadas nesse espaço, o sujeito cria novos sentidos e significados à sua trajetória de vida. Somos, enfim, influenciados e influenciados pelos diversos espaços que passamos ao longo de nosso percurso de vida e grupos sociais pelos quais passamos.

OS ACHADOS PROPICIADOS PELA INVESTIGAÇÃO....

Com os dispositivos criados para que os participantes dessa pesquisa evidenciassem as contribuições que o GEPEIS, como grupo de estudos, pesquisas e formação, e, também como espaço de amizade, afeto, respeito e companheirismo, agregou à sua formação profissional e pessoal.

Nesse sentido, a partir da questão investigativa “O grupo pode ser pensado como um dispositivo de formação?”, a construção de dados iniciou com uma pesquisa nas dissertações e teses dos participantes do grupo, a fim de conhecer os saberes vivenciados nesse espaço e as marcas impressas nas histórias de vida de cada um, durante sua trajetória no mesmo.

Durante 2008 e 2009, o trabalho concentrou-se basicamente em entrevistas com antigos participantes do grupo. Na análise dessas entrevistas, identificamos que o GEPEIS tem como característica principal a diversidade, seja ela de pensamento, de interação ou de saberes. Por ser constituído por pessoas de diferentes áreas do conhecimento, graus de formação e campos de atuação profissional, possibilita o “intercâmbio de pensamentos, ideias, sentimentos, emoções e experiências” (CASTILHO, 2004, p.64). Essa diver-





sidade é identificada na fala de um integrante do GEPEIS:

A definição que eu tenho de GEPEIS é de um grupo que consegue se organizar a partir de sua diversidade, diversidade de pensamento, diversidade de interação, e isso acho que se constitui até hoje, todas as gerações que passam pelo grupo tem pessoas com as mais diversas possibilidades.

A diversidade é um aspecto que marca constantemente as falas de todos os integrantes, independente da época em que tenham participado. Nesse contexto, se faz necessário ressaltar que no GEPEIS, a partir do olhar de cada integrante tem-se a construção de um olhar coletivo, um olhar do grupo.

A diversidade de áreas no GEPEIS é ainda uma especificidade que permanece latente na configuração do grupo em 2013. Seus integrantes vêm da Pedagogia, Artes Visuais, Design, Medicina, História, Psicologia, Ciências Sociais, Filosofia, Educação Especial. A fala a seguir evidencia esse aspecto:

O GEPEIS é este grupo que se constitui de pessoas, com qualidades e defeitos, que se proporcionam emocionar-se, sentir, buscar, além de uma formação diferenciada sobre a docência, também encontram uns nos outros a possibilidade de olhar por diferentes olhos a educação, o professor, a si mesmo como alguém em contínua aprendizagem e formação (Entrevistada R, 2009).

O convívio entre os participantes do grupo proporciona a interação que vai além da ordem teórica do grupo, na qual laços afetivos são construídos entre os membros, caracterizando um grupo unido nas questões acadêmicas e também através das relações interpessoais. Nos depoimentos abaixo, essas significações são marcadas:

GEPEIS é um grupo afetivo-teórico, teórico-afetivo (...) ele dava suporte teórico para as nossas discussões,

para a nossa formação, e ao mesmo tempo, como pouquíssimos colegas eram de Santa Maria na época, ali passou a ser o nosso suporte emocional (...) o GEPEIS era esse laço afetivo, esse grupo de apoio (Entrevistada T, 2008).

O grupo também é para mim um alicerce de relações afetivas e profissionais, foi e é meu porto seguro em diferentes momentos da minha vida, seja ela pessoal ou profissional (Entrevistada R, 2009).

De acordo com Castilho (2004), “o apoio do grupo é o reflexo da necessidade real de se ajudar o outro, de se criar um elo dentro do grupo, ou seja, a busca da interação e da coesão grupal”. Através desse apoio entre os participantes, surge o sentimento de “pertencer a” (CASTILHO, 2004, p. 60-61), de fazer parte e ser parte de uma história.

Através desses relatos percebemos que as aprendizagens transcendem o que se chamaria de formação profissional, alcançando o conceito de formação no sentido de desenvolvimento da pessoa adulta.

Também é possível ler nessas representações alguns aspectos do imaginário construído por esses participantes: grupo-diversidade, grupo-afetivo, grupo-teórico, mostrando nessas representações aspectos instituintes sobre um grupo e como este pode se configurar dentro de um espaço acadêmico.

O GEPEIS caracteriza-se como grupo operativo, segundo a definição de Pichon-Rivière (2005) por ser “um conjunto de pessoas com um objetivo comum”, que procuram trabalhar em equipe (BLEGER, 1998). Assim, o GEPEIS é um grupo operativo centrado na aprendizagem.

Com esta pesquisa, percebemos a importância do grupo como um dispositivo na formação de professores. Dispositivo entendido por nós como espaço que possibilita a experiência,



mobilizadora de saberes, representações instituídas e outras formas criativas de pensar as relações e a formação de professores. Em meio ao ambiente competitivo da universidade, o espaço grupal favorece a construção de um imaginário instituinte quando os valores são ressignificados e múltiplas aprendizagens são possibilitadas.

No biênio de 2010/2011 realizamos vivências reflexivas com os participantes acerca das histórias do grupo e a influência que este possui em sua formação. Em uma das vivências realizadas, os participantes escreveram em uma folha a pergunta: “Quem sou eu (seu nome) no grupo?” e colaram nas costas. A partir disso, todos iam escrevendo e recebendo respostas nas folhas. Esse foi um momento em que todos escreveram sobre todos, receberam respostas de todos e puderam refletir seu papel/importância no GEPEIS.

Os membros receberam adjetivos relativos às suas personalidades, palavras afetivas, definições e papel que assumiram/assumem ao participar do grupo. Uma das participantes recebeu a seguinte descrição: é “amiga e responsável. Recebe sempre bem o desafio de uma prestação de contas”. Interpretamos o que foi dito, e por conhecermos a participante I, ela normalmente é a responsável por montar orçamentos, cuidar dos recursos e fazer a auditoria da documentação necessária para a tal prestação de contas do grupo.

Outra vivência foi preparada para resgatar memórias do grupo através de fotografias. Preparamos a sala do GEPEIS com fotos que foram distribuídas aleatoriamente na mesa de trabalho. Eram fotos de eventos, viagens, festas, jantares, reuniões, escritas, feiras; momentos que constituem a história do GEPEIS. Assim, os participantes escolheram uma imagem para relatar as lembranças que ela provocava. Segue o relato da participante M, que fala sobre sua formação e outras

aprendizagens desenvolvidas no grupo:

Essa foto traduz mais um encontro do GEPEIS. Ela me fez lembrar da minha formatura, da minha trajetória no grupo, assim como a Nice, dividi com esse pessoal muitos momentos de trabalho, de estudos, de organização dos projetos, de fazer acontecer nossas ideias recheadas de criatividade. Como a própria foto explicita, também carrego momentos de festejar, de brindar a vida, a nós! É com muito carinho, aprendizagens e espaço de compartilhamento que o GEPEIS faz parte da minha formação (Participante M, 2010).

Todas as definições traçadas pelos participantes dão sentido aos espaços/tempos que tornaram possíveis as experiências de si através das narrativas escritas e também pela reconstrução de imagens passadas, vivas nas fotografias, ressignificadas no trabalho das memórias. As representações construídas através da experiência pelo que cada um viveu como grupo foram reconstruídas, dando notoriedade aos valores pessoais dos participantes e também, principalmente, às mudanças e deslocamentos de sentidos em ações e comportamentos como indivíduo e como ser social.

Além disso, houve muitos momentos em que os saberes foram (mas continuam sendo) compartilhados com o GEPIEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário e Memória, coordenado por Lúcia Vaz Peres, que também é vice-líder do GEPEIS. Os grupos, por estudarem o Imaginário, compartilham seus estudos em defesas de dissertações e teses e em eventos.

Assim pensamos em uma dinâmica que instigasse os participantes a escreverem o que a união desses dois grupos trás para cada um. A dinâmica consistia na provocação da unificação dos símbolos dos dois grupos, pedindo que os participantes contribuíssem com uma escrita sobre as reflexões, impressões e significações que a ima-



gem lhes causava. A participante M, do GEPEIS, relata com afeto uma das vivências compartilhadas com o GEPIEM.

A primeira coisa que me lembrei foi de um momento muito intenso vivido no Encontro Imersão, que aconteceu no calor de janeiro deste ano, em Pelotas. Além de estar compartilhando experiências, projetos futuros, alimentos, músicas, bebidas e criando relações a partir daquele momento, em um lugar retirado da cidade, com árvores, campo e piscina, vivi o estar com o outro, com um novo grupo formado pela união do GEPEIS e do GEPIEM (Participante M, 2010).

Podemos tirar como resultados dessas atividades percepções de que, em um grupo, cada sujeito se forma a partir do que mais o provoca, não são outros participantes ou coordenador

que transmitirão a ele saberes já instituídos ou que ditarão regras pelas quais irá aprender. Através da convivência, leituras, experiências, discussões, entre outros, são construídas aprendizagens pelos próprios participantes, cada um de sua forma, absorvendo aquilo que mais o toca e é de seu interesse.

A experiência grupal possibilita a formação através de movimentos de troca, de partilha, sejam eles de saberes, de experiências. Através de críticas, da abertura ao novo, da compreensão, do saber ouvir e saber falar, o processo de formação se desenvolve. O grupo é algo que movimenta, que cria e recria, que significa e ressignifica os processos de formação de seus participantes.

NOTAS EXPLICATIVAS

As vivências corporais são definidas por Josso (2010, p. 190) como “oportunidades ou potencialidades de tomadas de consciência e de aprendizagens e natureza aberta, evolutiva, maleável, autopoietica de nosso ser no mundo, que dispõe de um potencial enorme, ainda por descobrir com tantas aprendizagens a desenvolver”

REFERÊNCIAS

ISSN 1982-8632



Revista
@mbienteeducação.
6(1): 73-83, jan/jun,
2013

- BARBIER, R. A pesquisa-ação na instituição educativa: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BLEGER, J. Temas de psicologia: entrevista e grupos: São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CASTILHO, Á. A dinâmica do trabalho de grupo: Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- CASTORIADIS, C. A Instituição imaginária da sociedade: Rio de Janeiro Paz e Terra, 1982.
- CUNHA, M. I. Contame-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas no ensino e na pesquisa. Revista da Faculdade de Educação, v. 23, n. 1-2, jan.-dez. 1997. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&nrm=iso >.
- CUNHA, M. I., ISAIA, S. M. D. A. Professor da educação superior In: __ MOROSINI, M. C. Enciclopédia de pedagogia universitária: glossário. Brasília: INEP/MEC, v.2, 2006.
- DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto: Natal: EDUFRRN, 2008.
- FERREIRA, N. T., EIZIRIK, M. F. Educação e imaginário social: revendo a escola. Em Aberto, v. 14, n. 61, p. 5-14, jan./mar. 1994.
- FERRY, G. Pedagogía de la formación: Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material didáctico, 2004.
- JOSSO, M.-C. As instâncias da expressão do biográfico singular plural: junção de uma abordagem intelectual a uma abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico In: __ BOIS, D., *et al.* Sujeito sensível e renovação do eu. As contribuições da fasciaterapia e da somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus, 2008.
- JOSSO, M.-C. As narrações do corpo nos relatos de vida e suas articulações com os vários níveis de profundidade do cuidado de si In: __ VICENTINI, P., ABRAHÃO, M. H. O. Sentidos, potencialidades e usos da (auto) biografia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- JOSSO, M.-C. Experiências de vida e formação: São Paulo: Paulus, 2010.
- JOSSO, M.-C. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educação e Realidade, v. 37, n. 1, p. 19-31, 2012. Disponível em: < http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432012000100003&nrm=iso >.
- MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo: Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- OLIVEIRA, V. F. D. Narrativas e saberes docentes: Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- PETERS, M. A., BESLEY, T. Por que Foucault? novas diretrizes para a pesquisa educacional: Porto Alegre: Artmed, 2008.
- PICHON-RIVIÈRE, E. O processo grupal: São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SOUTO, M. Hacia una didáctica de lo grupal: Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2003.
- TEVES, N. C. Imaginário social e educação: Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.